

Déficit zero em pauta

VICENTE NUNES

ENVIADO ESPECIAL

Campos do Jordão (SP) – Cercado por pelo menos 700 banqueiros e executivos do mercado financeiro, o deputado Delfim Netto (PP-SP) descontruiu ontem a tese levantada por boa parte de seus ovinos: a de que o Brasil não pode crescer mais do que 3,5% ao ano sem inflação. Usando de sua verve para criar frases de efeito, ele disse que o crescimento está, sim, batendo às portas do país. E, para que ele se consolide, será necessário priorizar dois caminhos. O primeiro: avançar nas reformas microeconômicas que vão reduzir a ineficiência da economia, responsável por boa parte da inflação que o Banco Central combate com juros cavaleares. Segundo: aperfeiçoar o equilíbrio fiscal, estabelecendo-se metas de déficit nominal zero.

Ou seja, que o governo economize recursos suficientes para, todos os anos, quitar a totalidade dos juros da dívida.

Segundo Delfim, ao não fixar metas para a redução do déficit nominal, o governo acaba estimulando as desconfiças do mercado financeiro, de que a política fiscal que está em curso será abandonada em dois ou três anos. Essa desconfiça acaba se traduzindo em juros mais elevados, aumentando a já pesada dívida pública. No entender do deputado, que foi ministro da Fazenda durante a ditadura, o governo avançou muito nesse sentido ao enviar projeto de Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) ao Congresso que induzia a superávits crescentes, com o objetivo de zerar o déficit nominal. “Mas a frustração foi geral. O partido do próprio go-

verno, o PT, mudou tudo, instituindo o sistema de superávit cíclico (nos anos em que a economia crescer mais, o superávit será maior, nos anos em que o crescimento for menor, o superávit será menor). Com isso, só posso dizer que o PT é o maior inimigo do governo”, frisou.

Bobagens do BC

Para o ex-ministro, ainda é tempo para se corrigir esse erro, “cuja teoria foi inventada por economistas europeus para países que não queriam cumprir seus orçamentos”. Ele disse acreditar que, passada a atual crise política, o país vai avançar a passos largos no sentido de encontrar o

crescimento econômico.

“Basta que nos livremos dos fantasmas que criamos”, enfatizou. Esses fantasmas, na avaliação do ministro, são alimentados pelo próprio BC, que endossa o pensamento de que há limites para a

expansão do PIB. “O BC diz que é preciso, primeiro, ampliar a capacidade de produção para que os juros caiam sem o risco de volta da inflação. Mas isso é uma bobagem. O empresário só vai investir no aumento da produção se ver a economia crescendo. Temos, portanto, que estimular o instinto animal do empresariado.”

Crítico feroz do BC, ele afirmou que não há como o país continuar convivendo com taxa real de juros (que desconta a inflação) de 14% ao ano. A seu ver, são esses juros que estão levando o dólar a se manter nos níveis mais baixos dos últimos três anos, matando, aos poucos, a capacidade de exportação da economia brasileira. Ele disse que foi justamente por “viver xeretando” no câmbio, que o Brasil perdeu, nos últimos 25 anos, a rota do crescimento.

é a taxa de juro real praticada no país criticada pelo deputado federal Delfim Netto

14%